

## O OBJETO NULO EM PB: SINTAXE E AQUISIÇÃO

Sabrina CASAGRANDE<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho investigo o fenômeno do objeto nulo (ON) em português brasileiro (PB). Parto de testes, aplicados a falantes adultos, que indicaram uma relação forte entre ON e aspecto gramatical: ON foi privilegiado quando seu antecedente era [-específico] e o verbo estava no imperfectivo. Como em outras línguas (russo e grego) o ON é privilegiado quando o verbo está no imperfectivo, o indício é que ele esteja sendo licenciado por questões aspectuais, o que é reforçado pelo fato de que essa mesma relação parece estar presente também nos dados de aquisição do PB.

**Palavras-chave:** Objeto nulo; Aspecto gramatical; Licenciamento do objeto nulo.

**ABSTRACT:** In this paper I investigate the phenomenon of Null Objects (NO) in Brazilian Portuguese (BP). I start on from tests applied to adult speakers, which indicated a strong relation between the NO and grammatical aspect: NO is chosen when its antecedent carried out a feature [-specific] and the verbal form exhibited an imperfective form. As observed in some other languages, just as Greek or Russian, the NO tends to be privileged when the verb form is imperfective, what can be seen from the fact that it is licensed due to aspectual matters. This fact is reinforced by the fact that the same kind of relation also seems to be present in acquisition data concerning BP.

**Keywords:** Null object; Grammatical aspect; Licensing of null objects.

### 1. Introdução

Neste trabalho investigo questões relacionadas ao objeto nulo (ON) em Português Brasileiro (PB) e sua possível relação com aspecto. Testes aplicados a falantes adultos do PB mostram que o contexto em que o objeto nulo é produtivo nessa língua parece estar mais restrito em relação ao diagnóstico feito pela proposta de Cyrino (1994). Esse contexto é aquele em que o antecedente do objeto nulo é um DP não específico e, principalmente, o verbo que retoma esse antecedente está no aspecto imperfectivo.

Evidências translinguísticas mostram que essa restrição do objeto nulo ao aspecto do verbo não é exclusividade do PB. Em grego, o nulo é privilegiado quando o verbo está no imperfectivo e em russo ele só é possível no imperfectivo. Tendo esse quadro como base, delineio uma proposta, para o licenciamento do objeto nulo, que está baseada em restrições ligadas aos núcleos aspectuais, como veremos na seqüência.

### 2. Objeto nulo em PB: delineando uma hipótese

Diferentemente das demais línguas românicas, o português apresenta a possibilidade de objetos nulos como o que temos abaixo:

---

<sup>1</sup> Doutoranda do curso de pós-graduação em linguística do IEL/UNICAMP. Bolsista FAPESP com o n° de processo 06/61351-1

- (1) a. Consertamos **o carro** antes de por [ ] a venda. **PB PE**  
b. A Maria quebrou **o relógio** quando tirou [ ] da caixa. **PB PE**

Segundo Raposo & Kato (2001), o objeto nulo, tanto do PE quanto do PB, não pode ser uma variável nos termos propostos por Raposo (1986), já que, de acordo com juízos de gramaticalidade de falantes portugueses (conforme temos em (1)), ele também pode aparecer em ilhas. Entre as propostas que analisam o objeto nulo em PB está a de Cyrino (1994 e obras posteriores) que afirma que o que define a retomada de um antecedente em posição de objeto direto anafórico (daqui em diante ODA) por um pronome lexical ou um objeto nulo (opções que tomaram o lugar dos clíticos acusativos de terceira pessoa depois que estes foram excluídos do paradigma pronominal do PB) são os traços semânticos de animacidade e especificidade do antecedente retomado em posição de ODA. Segundo ela, a regra geral seria que antecedentes [-animado] são retomados pelo objeto nulo (exemplo (2)), enquanto antecedentes [+animado] seriam retomados pelo pronome lexical (exemplo (3)), exceto quando o antecedente é não específico, o que pode gerar uma retomada nula, mesmo que o antecedente seja animado (exemplo (4)):

- (2) Meu travesseiro estourou, preciso jogar [ ] fora.  
(3) Encontrei **o João<sub>i</sub>** no shopping e vi **ele<sub>i</sub>** no cinema.  
(4) Policiais corruptos insultam **presos** antes de prender [ ]

Essa proposta parecia explicar bem os dados da gramática adulta do PB, sendo corroborada inclusive por pesquisas sociolingüísticas, como a de Duarte (1989).

No entanto, dados de produção espontânea adulta, coletados em Casagrande (2007) e testes aplicados recentemente a falantes adultos do PB me proporcionaram um quadro de retomada nula vs. pronominal em posição de ODA que proporcionam uma visão mais geral fenômeno e indicam que alguma coisa mudou. Os testes apresentavam um par de sentenças que possuíam o mesmo antecedente; foram testados antecedentes inanimados [+/- específicos] e animados [+/-específicos] e o informante deveria escolher qual a melhor forma de retomar o antecedente, se pelo pronome ou pelo nulo.

Dos casos testados, aqueles em que o ON foi predominantemente empregado estão abaixo:

- (5) a. Eu não compro **um pastor alemão** porque meu pai detesta [ ]  
 b. Policiais corruptos insultam **presos** antes de prender [ ]  
 c. Eu adoro **aquela novela**, tanto que assisto [ ] todos os dias

Diante desses dados, podemos dizer que o leque de antecedentes que apresenta retomada categórica (ou preferencial) pelo objeto nulo parece ter diminuído. O que parece estar acontecendo é uma limitação quanto aos antecedentes que apresentam preferência de retomada pelo objeto nulo, restringindo-se a casos como apresentados em (5) e também ao que temos em (6):

- (6) a. Tenho vendido muitos **sushis**, porque os de kassegui querem continuar comendo [ ] depois que voltam ao Brasil. (Jornal de Londrina, 2002) (Cyrino, 2006, p. 15)  
 b. A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria [**o menor infrator**]<sub>i</sub>, não é ela o único responsável, o único elo que cria [ ]<sub>i</sub>, e como tal ela não consegue recuperar [ ]<sub>i</sub>; (exemplo de Duarte (1986) citado por Cyrino (1994, p. 147)  
 c. A formiguinha corta **a folha**<sub>i</sub> e carrega [ ]<sub>i</sub>; quando uma deicha [ ]<sub>i</sub>; a outra leva [ ]<sub>i</sub>.  
 Oliveira (2007:19)  
 d. Depois de anos e anos **o dinheiro**<sub>i</sub> ficou famoso e todo mundo já conhecia [ ]<sub>i</sub>  
 Oliveira (2007:16)

Em suma o que parece ser o novo quadro para o PB é o seguinte: objeto nulo parece não ser mais a opção predominante para as retomadas em posição de ODA, como tínhamos anteriormente (cf. Cyrino (1994) e Duarte (1989)). Observe nos exemplos (5) e (6) que a maioria dos antecedentes são DPs [-específicos] e, mais do que isso, que o verbo que permite a retomada desse antecedente se encontra na forma aspectual imperfectiva. Lopes (2007), trabalhando com a aquisição do objeto nulo em interação com aspecto, e Cyrino (2006), trabalhando com objeto nulo e elipse de VP em PB, já haviam chamado atenção para o fato de que talvez o objeto nulo do PB estivesse sendo licenciado por um núcleo aspectual, razão pela qual, segundo Cyrino (2006), temos uma sentença como (6a). A autora completa:

O exemplo é exemplo claro de objeto nulo, pois não podemos aceitar a interpretação de ‘comer’ como intransitivo nesta sentença. No caso, além de o antecedente ser [-animado, -específico] temos um verbo aspectual durativo (‘continuar’) selecionando um gerúndio que licencia a lacuna. Mais uma vez, temos indícios de que a categoria Aspecto possa estar licenciando lacunas, tanto elipse como objeto nulo, em VP. (Cyrino, op.cit.: 15)

Diante disso, delinheio uma proposta inicial que define a restrição para o ambiente em que o objeto nulo ocorre: o objeto nulo do PB parece estar restrito a contextos em que seu antecedente é não específico e o aspecto gramatical do verbo, que está retomando tal antecedente, se encontra no imperfeito. É importante lembrar que estou descartando as opções em que, nos resultados dos testes, as retomadas em posição de ODA não mostraram preferência nem pelo nulo nem pelo pronome; estamos então, restringindo o escopo da investigação sobre o objeto nulo aos casos em que efetivamente temos forte preferência pela retomada nula, procurando explicar qual é a motivação para a preferência nessa retomada. Em última instância, queremos definir de que tipo é o objeto nulo do PB, quais são as reais restrições que controlam a sua ocorrência, comparando-o com algumas outras línguas em que este é possível.

Temos evidências translingüísticas de que essa restrição aspectual não é uma exclusividade do PB. Tsimpli & Papadopoulou (2006) – daqui em diante T&P – trabalhando com argumentos nulos em grego, afirmam que a omissão do objeto é possível em grego quando envolve um objeto com referência não específica. Objetos nulos são encontrados em contextos de elipse de NP em que um antecedente indefinido está presente no discurso e também quando não há antecedente. Um exemplo disso é o que temos em (7):

- (7) Kathos dhjavaza, htipise to tilefono. (T&P, op.cit., p. 1599)  
 “Enquanto eu estava lendo [ ], o telephone tocou.”

Segundo as autoras, esses objetos nulos são possíveis tanto com perfectivo (8) quanto com o imperfeito (9), mas o imperfeito favorece sua ocorrência.

- (8) I ehthri katestrepsan ki ekapsan. (T&P, op.cit., p.1601 )  
 ‘\*Os inimigos destruíram e queimaram’  
 (9) I ehthri katestrefan ki ekeghan. (T&P, op.cit., p.1601 )  
 ‘?Os inimigos estavam destruindo e queimando’

Basilico (2008) afirma que em russo os objetos nulos são permitidos apenas quando o verbo está no imperfeito, mas não o são quando o verbo apresenta um prefixo de perfectivo, como temos em (10) e (11) respectivamente:

- (10) a. Vanja pisał.  
       ‘Vanja estava escrevendo [ ]’  
 b. Vanja pisał pis’mo.  
       ‘Vanja estava escrevendo uma/ a carta’ (Basilico, *op.cit.*: 1717)
- (11) a. \*Vanja **n**apisał  
       ‘\*Vanja escreveu [ ]’  
 b. Vanja **n**apisał pis’mo  
       ‘Vanja escreveu uma/a carta’ (Basilico, *op.cit.*: 1718)

Segundo T&P (*op.cit.*: 1601), a análise que Babko-Malaya (1999) faz com base nesses mesmo dados é que “o objeto manifesto (*overt*) é um argumento do predicado perfectivo com prefixo de perfectivo. O prefixo forma uma relação de predicação com o objeto e exige que ele seja manifesto”. Observe, em (11a), na glosa em PB, que a sentença com o nulo é agramatical *out-of-the-blue*, só sendo possível se tivermos um antecedente lingüístico ou contextual, enquanto o exemplo com o objeto manifesto é perfeito. No caso de (10a) a sentença é boa em PB com uma interpretação não específica quanto ao objeto: *estava escrevendo alguma coisa*.

Para explicar a preferência pelo nulo, nos predicados imperfectivos do grego, e a impossibilidade desses nos casos do russo, as autoras estão adotando o Requerimento da Transitividade (TR), que diz que uma posição de objeto direto é sempre incluída no VP, independentemente da escolha lexical do verbo (nos termos de Hale & Keyser (1993)). Ainda segundo T&P, o TR dita a representação de um TransP (uma projeção de transitividade) que é uma frase nucleada pelo núcleo funcional Trans. [Spec, Trans] é a posição EPP para os objetos diretos, onde Caso é checado. As autoras assumem que Trans carrega traços aspectuais e que a distinção entre perfectivo e imperfectivo é realizada como um traço formal em Trans.

Nas estruturas em (12) e (13) (em T&P (*op.cit.*, p.1605) temos a representação das sentenças com verbos no perfectivo e imperfectivo, com e sem a realização do argumento, num modelo com TransP:

- (12) a. [<sub>TransP</sub> DP Trans<sub>[+perf]</sub> [<sub>VP</sub> V]]                    Perfective + Direct Object  
 b. [<sub>TransP</sub> Trans<sub>[+perf]</sub> [<sub>VP</sub> [NØ] V]]                    Perfective + Null Object

- (13) a. [<sub>TransP</sub> **DP** Trans<sub>[-perf]</sub> [<sub>VP</sub> **DP** V]]      Imperfective + Direct Object  
 b. [<sub>TransP</sub> Trans<sub>[-perf]</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>N</sub>∅] V]]      Imperfective + Null Object

Segundo T&P (op.cit. 1604), o aspecto é associado com a realização sintática de TR e tem efeito sobre a realização argumental: o objeto direto de um verbo Trans[+perf] e de um verbo Trans[-perf] – ou seja, um verbo [+imperfectivo] – tem posições de base diferentes: o DP objeto de um verbo com Trans[+perf] é conectado diretamente em [Spec, TransP] (como em (12a)), enquanto que o DP objeto de um verbo Trans[-perf] é conectado no VP mais baixo (como em (13a)) e posteriormente se move para [Spec, TransP] para receber Caso.

Quanto à telicidade dessas sentenças, quando se tem um verbo no perfectivo e o argumento realizado, a interpretação é télica em grego, nos demais casos, ou seja, mesmo quando o verbo está no perfectivo, mas o objeto é nulo e nos casos em que o verbo está no imperfectivo, a interpretação é atélica. Esse é, segundo as autoras, o tipo de comportamento apresentado quando um verbo – independentemente do seu aspecto – se une com um objeto que é um nome nu, a interpretação é atélica, independentemente do aspecto do verbo – se perfectivo ou imperfectivo.

Voltando às estruturas em (12) e (13), quando temos um objeto nulo, em nenhum dos dois casos o nulo se move para a posição de [Spec, TransP], já que a exigência de Caso é “relaxada”, sendo, então, o movimento do nulo para [Spec, TransP] não motivado.

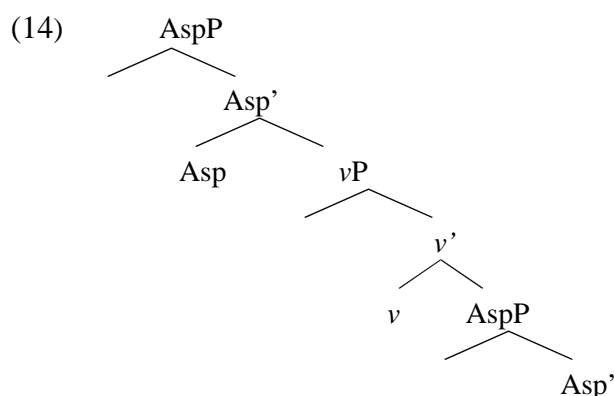
Segundo as autoras, mesmo que em grego não haja diferença quanto à gramaticalidade dos exemplos com objeto nulo – com predicados perfectivos ou imperfectivos – a preferência por nulos em casos de verbos no imperfectivo está baseada na opção *Merge* + *Move* vs. *Merge*. Nos casos em que há um predicado perfectivo e um DP, apenas *Merge* é empregado, já nos casos em que há predicado imperfectivo, como o DP está em VP e precisa ir para TransP para checar seu caso, há necessidade de *Merge* + *Move*. Já quando há um objeto nulo, nos dois casos, verbo no perfectivo e imperfectivo, a interpretação é atélica e o nulo não tem necessidade de se mover.

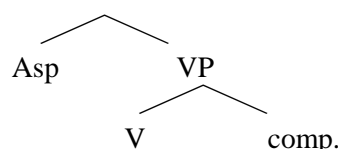
As autoras argumentam que a opção de predicado imperfectivo com um DP manifesto é menos preferida porque envolveria uma operação de movimento a mais, em relação ao objeto nulo, por isso a preferência pelo objeto nulo com predicados imperfectivos. Para avaliar essa previsão, as autoras realizaram um teste cuja tarefa era de completar sentenças e constataram que no grupo adulto e no grupo de crianças testadas (idade entre 10;6 e 11;6) os falantes preferem usar o nulo quanto o verbo está no imperfectivo.

Há um problema na análise das autoras, que está relacionado ao fato de o objeto nulo ser privilegiado em predicados imperfectivos, já que estes, diferentemente dos DPs plenos, não precisariam se mover para [spec, TransP] para checar Caso, ficando no lugar de seu primeiro *merge*. As autoras estão computando economia entre duas derivações que não partem do mesmo arranjo lexical, já que uma possui um DP pleno, enquanto outra possui um objeto nulo. Dentre os pressupostos para computação de economia no Programa Minimalista está aquele que diz que apenas derivações convergentes e que são alimentadas pelo mesmo arranjo lexical são comparáveis em termos de economia – uma vez que o sistema computacional não tem acesso direto ao léxico, a computação se dá a partir do arranjo lexical. Sendo assim, pressupor a preferência pelo nulo, nos casos de predicados imperfectivos, tendo como base uma operação a mais, nos casos de DPs plenos, viola os pressupostos para a computação de economia.

No entanto, apesar de apresentar esse problema, a intuição de T&P de relacionar a preferência pelo nulo ao aspecto gramatical do verbo vai ao encontro dos resultados encontrados por mim e por Lopes (2007, no prelo), o que me levou a delinear uma proposta baseada nessa intuição.

De acordo com o que foi visto até aqui, o que há, então, em comum entre PB, russo e grego é que a possibilidade do ON está ligada à perfectividade da sentença e que o traço de telicidade vai ser computado na relação verbo mais o objeto (cf. Verkuyl (1993)). Levando em conta o fato de que temos interpretações de perfectividade (aspecto gramatical) e telicidade (aspecto lexical) vamos supor, baseados especialmente em Lopes (2007, no prelo), que esboça uma proposta para a relação entre aspecto e objeto nulo, que temos duas projeções funcionais que traduzem esses traços aspectuais: um AspP *inner* (interno, abaixo de vP) responsável pelos traços de telicidade, e um AspP *outer* (externo, acima de vP) responsável pelos traços de perfectividade, conforme (14):





Em grego e português, que não possuem marcação morfológica de aspecto, o objeto entrará em relação com os dois núcleos aspectuais através de uma relação de *Agree* (Chomsky, 2000) e somente quando o AspP mais externo entrar em relação de *Agree* com o objeto (nulo ou manifesto) é que o nulo será licenciado ou não na língua, já que é no AspP mais externo que perfectividade está codificada.

Já em russo, que possui marcação morfológica de aspecto, o quadro precisa ser adaptado. O russo possui prefixos lexicais, relacionados à estrutura lexical do verbo (evento), e prefixos superlexicais e de imperfectivização secundária, que estão fora do nível lexical. Por hipótese, estou supondo que os prefixos lexicais ocupam AspP interno, enquanto os demais morfemas estão em AspP externo. Sendo assim, o licenciamento do nulo por AspP se dará já em AspP interno, exceto quando houver algum morfema de imperfectivização ou algum prefixo superlexical em AspP externo, já que nesses dois casos, esses morfemas podem mudar a perfectividade da sentença, acrescentando informações relacionadas a como o evento se processa.

O que fica claro, então, pela discussão dos dados do PB e do russo e grego é que propriedades aspectuais estão estreitamente relacionadas ao licenciamento do ON nas línguas, quem sabe nos mostrando o caminho para a unificação desse fenômeno, nas línguas que o possuem.

### 3. O quadro para a aquisição da linguagem

Lopes & Souza (2005), analisando a aquisição de aspecto em dados de produção espontânea da criança AC, mostraram que as formas imperfectivas (pretérito imperfeito, presente e passado contínuo) só entram na produção dessa criança com 2;3. Segundo elas, até esta fase a criança produz apenas formas perfectivas e, somente com 2;3, começa a diferenciar formas perfectivas de imperfectivas. Lopes (2007) afirma que, diante destes dados, temos evidência que o núcleo aspectual é projetado desde cedo, mas teria um traço inicialmente *default* [+perfectivo], uma vez que os dados mostram que as formas imperfectivas só entram na aquisição de AC com 2;3.

Em Casagrande (2007b) analisei qualitativamente os dados da criança G em relação a aspecto e observei os mesmos padrões dos dados de AC.



Ao mesmo tempo em que AC e G produzem pela primeira vez formas imperfectivas, com 2;3, segundo Casagrande (2007a) elas produzem seus primeiros pronomes lexicais retomando antecedentes animados em posição de ODA, e seus nulos, que inicialmente eram predominantemente dêiticos, passam a ser em maioria anafóricos.

Uma possível relação entre objeto nulo e aspecto, na aquisição do PB, pode, desse modo, ser dada nos seguintes termos: enquanto a criança não diferencia perfectivo de imperfectivo ela tem em mãos apenas uma estrutura para aspecto que é *default* [+perfectivo], segundo Lopes (2007), ou seja, derivacionalmente ela não está “precisando” realizar nenhum cálculo entre aspecto e traços semânticos. A partir do momento em que a criança passa a produzir verbos no imperfectivo, além do perfectivo, a derivação da sentença precisa levar em conta as diferenças de perfectividade do verbo.

Além disso, a criança terá também que “prestar atenção” nos traços semânticos do antecedente, que também terão que ser levados em conta para se derivar, juntamente com aspecto, as condições em que o nulo poderá ocorrer.

Em suma, o que teríamos é o seguinte: seria aspecto que levaria à necessária identificação dos traços semânticos do antecedente, a criança teria que se “especializar” na identificação desses traços para poder lidar com a derivação do perfectivo vs. imperfectivo. Como resultado dessa especialização, temos o aparecimento/aumento bastante significativo dos objetos nulos anafóricos e o aparecimento dos pronomes, retomando antecedentes lingüísticos [+a, +e].

O passo seguinte para esse trabalho é melhorar essa hipótese e definir experimentos para que possamos testá-la com crianças adquirindo o PB<sup>2</sup>. Restaria também definir o que motivaria a criança a sair de uma fase em que AspP tem um valor *default* para a fase seguinte, em que torna-se especificado (perfectivo vs. imperfectivo).

#### 4. Considerações finais

Este trabalho nos mostrou indícios de que o objeto nulo do PB parece estar cada vez mais restrito a um contexto específico, que é definido levando-se em conta o aspecto gramatical do verbo e a especificidade do antecedente. Dados translingüísticos também mostram que a restrição aspectual restringe a possibilidade do nulo em grego e russo. Esses indícios me levaram a delinear a hipótese, baseada nos núcleos aspectuais, como vimos em (14), hipótese que precisa ser melhor investigada, especialmente para a aquisição da

---

<sup>2</sup> Tal trabalho experimental está em desenvolvimento em Casagrande (em preparação).

linguagem. Para tanto, testes experimentais serão desenvolvidos para testar tal hipótese com crianças adquirindo o PB.

## REFERÊNCIAS

- BASILICO, D. The syntactic representation of perfectivity. *Lingua* 118, 2008. p. 1716–1739
- CASAGRANDE, S. **A Aquisição do objeto direto anafórico em Português Brasileiro**. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **Interação entre marcação aspectual e objeto nulo na aquisição do PB**. Trabalho apresentando no Encontro do GT de Teoria da Gramática da ANPOLL. Campinas: UNICAMP, 2007b.
- \_\_\_\_\_. **A Aquisição de complementos nulos em Português Brasileiro**. Tese de Doutorado, UNICAMP, em preparação.
- CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: the framework. In.: MARTIN, R. et. Al. (eds). **Step by step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik**. Massachusetts: MIT Press, 2000.
- CYRINO, S. M. L. **O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1994.
- \_\_\_\_\_. Algumas questões sobre a elipse de VP e o objeto nulo em PB e PE. In: Guedes, M. et. al. (org) **Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas**. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 53 – 79.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: UNICAMP/Pontes, 1989. p. 19 – 33.
- HALE, K. & KEYSER, J. On argument structure and the lexical representation of syntactic relations. In: HALE, K & KEYSER, J. (Eds.) **The View from Building 20**. MIT Press, Cambridge, MA, 1993. pp. 53–110.
- LOPES, R.E.V. Katar, Kata, Katou: a aquisição do objeto nulo e sua relação com aspecto. In: CASTILHO, A. et. al. (orgs). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007. p. 673 – 686.
- \_\_\_\_\_. **Aspect and the acquisition of null objects in Brazilian Portuguese**. (no prelo).
- LOPES, R.E.V. & SOUZA. T. T. **A aquisição do aspecto lexical e aspecto gramatical no PB**. UFSC, 2005, ms.
- OLIVEIRA, Solange Mendes. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. **Revista Virtual**

**de Estudos da Linguagem – ReVEL.** Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

RAPOSO, E. On the Null Object in European Portuguese. In: Jaeggli, O. & Silva-Corvalan, C. (eds). **Studies in Romance Linguistics.** Dordrecht: Foris, 1986. ms.

RAPOSO, E. & KATO, M. A. O objecto nulo definido no português europeu e no português brasileiro: convergências e divergências. **Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística:** Lisboa, 2001. ms.

TSIMPLI, I. M & PAPADOPOULOU, D. Aspect and argument realization: A study on antecedentless null objects in Greek. **Lingua.** n. 116. 2006. p. 1595 – 1615.

VERKUYL, H. **A theory of aspectuality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993